

Açores lideram aumento das rendas de casa em Fevereiro

Em Fevereiro, os preços das casas para arrendar subiram em todas as regiões do país.

A liderar as subidas encontra-se o Algarve (19,3%), seguido pela Região Autónoma dos Açores (15,4%), Região Autónoma da Madeira (13,6%), Alentejo (11,5%), Centro (3,9%), Área Metropolitana de Lisboa (3%) e Norte (2,6%).

A Grande Lisboa, com 19,5 euros/m², continua a ser a região mais cara para arrendar casa, seguida pelo Algarve (15,8 euros/m²), Região Autónoma da Madeira (15,6 euros/m²) e Norte (14,1 euros/m²).

Do lado oposto da tabela encontram-se o Centro (9,3 euros/m²), Região Autónoma dos Açores (10,2 euros/m²) e o Alentejo (11,2 euros/m²) que são as regiões mais baratas para arrendar uma habitação.

As rendas das casas subiram em todos os territórios no passado mês de fevereiro, com Faro (19,3%) e a ilha de São Miguel (17,3%) a liderar.

As casas para arrendar também ficaram mais caras em Santarém (14,7%), ilha da Madeira (14,5%), Évora (11,3%), Setúbal (10,2%), Braga (8,9%), Portalegre (7,8%), Viana do Castelo (7,3%), Aveiro (4,7%), Castelo Branco (4%), Lisboa (2,1%) e Porto (1,7%).

As menores subidas das rendas

Preço das casas para arrendar por distritos e ilhas

Valor mediano em fevereiro (euros/m²/mês)
Variação entre fevereiro de 2025 e o mesmo mês do ano anterior (%)

Distritos/ilhas	Preço (euros/m ²)	Variação anual (%)
Aveiro	9,6	4,7%
Beja	9,4	1,1%
Braga	9,9	8,9%
Castelo Branco	7,0	4,0%
Coimbra	10,2	0,6%
Évora	11,1	11,3%
Faro	15,8	19,3%
Leiria	9,4	0,8%
Lisboa	20,1	2,1%
Portalegre	6,7	7,8%
Porto	15,4	1,7%
Santarém	8,4	14,7%
Setúbal	13,8	10,2%
Viana do Castelo	8,9	7,3%
Viseu	7,3	0,7%
Madeira (ilha)	15,7	14,5%
São Miguel (ilha)	10,7	17,3%

Fonte: Idealista - Descarregar estes dados - Incorporar - Descarregar imagem - Criado com Datawrapper

das casas foram registadas em Beja (1,1%), Leiria (0,8%), Viseu (0,7%) e Coimbra (0,6%), revelam os dados do idealista.

De referir que o ranking dos distritos e ilhas mais caras para arrendar casa é liderado por Lisboa (20,1

euros/m²), seguido por Faro (15,8 euros/m²), ilha da Madeira (15,7 euros/m²), Porto (15,4 euros/m²), Setúbal (13,8 euros/m²), Évora (11,1 euros/m²), ilha de São Miguel (10,7 euros/m²), Coimbra (10,2 euros/m²), Braga (9,9 euros/m²),

Aveiro (9,6 euros/m²), Beja (9,4 euros/m²), Leiria (9,4 euros/m²), Viana do Castelo (8,9 euros/m²) e Santarém (8,4 euros/m²).

Já as casas para arrendar com preços mais económicos encontram-se em Portalegre (6,7 euros/m²), Castelo Branco (7 euros/m²) e Viseu (7,3 euros/m²).

Já as casas para arrendar com preços mais económicos encontram-se em Portalegre (6,7 euros/m²), Castelo Branco (7 euros/m²) e Viseu (7,3 euros/m²).

De acordo com a plataforma idealista, o mercado de arrendamento continua em alta, mas tem vindo a perder terreno para a compra e venda de casa, numa altura em que o crédito habitação está mais barato e há vários incentivos para adquirir habitação, como por exemplo o IMT Jovem.

Esta tendência reflete-se na redução da procura de casas para arrendar, bem como na evolução dos preços.

Os dados do índice de preços do idealista revelam que as rendas das casas em Portugal têm vindo a abrandar ligeiramente o ritmo de subida, passando de um aumento anual de 4,1% em Janeiro para 3,9% em Fevereiro.

Assim, arrendar casa passou a ter o custo mediano de 16,4 euros por metro quadrado (euros/m²) no final de Fevereiro de 2025.

Já em relação à variação trimestral, as rendas das casas subiram 1,8%.

Ordem dos Médicos diz que hospital modular foi a “melhor resposta”

O responsável pela Ordem dos Médicos nos Açores, Carlos Ponte, considerou que o hospital modular foi a “melhor resposta” em termos de proximidade com o hospital de Ponta Delgada, que ficou inoperacional após o incêndio de Março.

“O hospital modular foi a melhor resposta em termos de proximidade com a casa-mãe [Hospital do Divino Espírito Santo - HDES] e no tempo célere que o conseguiram realizar”, afirmou Carlos Ponte, que visitou a estrutura.

O hospital modular surgiu na sequência do incêndio de 4 de Março de 2024 no HDES, que deixou o maior hospital dos Açores inoperacional e obrigou à transferência de todos os doentes internados para outros locais dos Açores, Madeira e continente.

Segundo o presidente do Conselho Médico da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Médicos, esta foi uma solução “criada para dar uma resposta célere em situação de catástrofe”, visando a segurança das pessoas e dar condições aos profissionais de saúde.

O responsável salvaguardou que o hospital modular “não tem tudo o que se precisa”, mas “nunca se teve

essa pretensão”.

Afirmando que a estrutura possui “ótimas instalações, condições e equipamentos”, Carlos Ponte ressaltou que “não é uma solução definitiva, nem poderia ser”.

De acordo com o responsável, está previsto que, “pelo menos a meio do próximo ano” já comecem a funcionar algumas das unidades recuperadas no HDES, situação a que a Ordem dos Médicos vai estar atenta.

Carlos Ponte defendeu que é necessário melhorar as condições de circulação dos doentes no hospital modular, bem como “algumas áreas que são mais precárias para as pessoas que estão a trabalhar”, como gabinetes, arrumos e espaços de higienização.

O responsável pela Ordem dos Médicos nos Açores disse ainda ter sido informado que o hospital modular vai ser dotado com mais seis camas.

Maria Inês Leite, que também integra a direção da Ordem dos Médicos nos Açores, declarou, por seu turno, que, “até ao fim do primeiro semestre, a capacidade [de cirurgia] será igual senão superior” ao que se tinha anteriormente ao incêndio no HDES, o que irá permitir reduzir as



listas de espera.

A médica referiu que “a lista de espera tinha que aumentar” com o incêndio no HDES, porque as oito salas de cirurgia que estavam operacionais “ficaram reduzidas a duas/três salas durante estes nove meses”.

“Neste momento, a capacidade instalada são duas salas no hospital modular, uma para urgências e outra para cirurgia programada, sendo que no hospital mãe (HDES) já temos quatro salas a funcionar”, afirmou a responsável, adiantando que “a curto/médio prazo abrirá mais uma sala”, ficando-se com “uma capacidade igual à que havia anteriormente”.

O número de utentes em lista de espera por uma cirurgia nos Açores voltou a aumentar em Janeiro, ultrapassando os 12.200 inscritos, mais 13,8% do que no período homólogo, segundo dados da Direção Regional da Saúde.

“Em Janeiro de 2025 aguardavam em LIC [lista de inscritos para cirurgia] um total de 12.206 utentes, o que corresponde a um aumento de 0,3% (mais 42 utentes) face ao mês anterior.

Na comparação com o mês homólogo, verifica-se um aumento de 13,8% (mais 1.476 utentes), lê-se no boletim informativo mensal da Unidade Central de Gestão de Inscritos para Cirurgia dos Açores.